



ÚLCERA CORNEANA INDOLENTE EM CÃO - RELATO DE CASO TARIANNA

LUSTOSA SANTOS; SABRINA GOMES DE ALCÂNTARA

RESUMO

As úlceras corneanas são lesões comuns na clínica de pequenos animais podendo acometer qualquer espécie e raça. No entanto, animais de raças pequenas, braquicefálicas e idosos são mais propensos a doença. Essa oftalmopatia possui como etiologia traumas, lesões químicas, defeitos palpebrais, doenças pré-existentes, baixa produção lacrimal, invasão ou resposta imunológica a microrganismos ou pode ter origem idiopática. O diagnóstico da úlcera corneana é baseado nos sinais clínicos apresentados, geralmente o animal demonstra desconforto e dor, em exames oculares e na avaliação da conjuntura e integridade da córnea com o uso de corantes. Assim, um exame oftálmico completo e minucioso é importante pois as úlceras corneanas podem ter diferentes características, podendo ser superficiais ou profundas, pequenas ou extensas, e responder ou não ao uso de antibióticos e substâncias estimuladoras da cicatrização e, em casos mais persistentes, necessitar de intervenção cirúrgica. O presente trabalho relatou o caso clínico de um canino, macho, SRD, médio porte, 28 kg, 10 anos, castrado, diagnosticado com úlcera corneana indolente, através de exames oftálmicos, sobretudo o Teste de Fluoresceína. O tratamento baseou-se em intervenção cirúrgica com o debridamento epitelial com *Diamond Burr* e uso de colírio antibiótico de amplo espectro por um longo período de tempo. O método de debridamento epitelial mostrou-se eficaz, rápido e seguro ao animal para o tratamento da úlcera corneana indolente. O tratamento da doença foi longo e complexo o que demandou paciência e comprometimento do tutor. Dessa forma, é primordial que o médico veterinário esclareça previamente ao tutor a complexidade dessa doença.

Palavras-chave: Oftalmopatia; Exames oftálmicos; Úlcera; Pequenos animais; Lesão ocular.

1 INTRODUÇÃO

As oftalmopatias são afecções que podem acometer os olhos, a órbita e/ou os anexos oculares (sobrancelhas, pálpebras, cílios, conjuntivas, glândulas lacrimais, pontos lacrimais, sacos lacrimais e músculos extrínsecos) dos animais, podendo causar cegueira irreversível nestes se não tratadas adequadamente e em tempo hábil.

Dentre as oftalmopatias mais comuns na clínica de pequenos animais tem-se as úlceras corneanas que podem ter origem congênita ou serem adquiridas por lesões, traumas, infecções, doenças pré-existentes, produção lacrimal inadequada, invasão ou resposta imunológica a microrganismos, dentre outros (Hvenegaard *et al.*, 2011; Viana *et al.*, 2017; Melo, *et al.*, 2018).

As úlceras corneanas podem ser definidas como uma descontinuidade no epitélio corneal com a exposição do estroma e/ou demais camadas da córnea (Melo *et al.*, 2018). Essa descontinuidade no epitélio corneal pode ser superficial, profunda, pequena ou extensa. As úlceras indolentes, também chamadas de dano epitelial corneano crônico espontâneo, úlcera persistente, erosão recorrente ou, ainda, erosões corneanas persistentes idiopática, “são úlceras corneais superficiais e espontâneas, que apresentam curso prolongado e que tendem a recidivar” (Hvenegaard *et al.*, 2011, p. 910). Esse tipo de úlcera é comumente observada em cães idosos e da raça Boxer, provoca dor de início agudo e necessita de tratamento específico, que pode prolongar-se de semanas a meses se não for realizado corretamente (Hvenegaard, 2010).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi relatar a ocorrência de úlcera corneana indolente em um canino em uma Clínica Veterinária de Teresina, Piauí.

2 RELATO DE CASO

Em janeiro de 2024 foi atendido em uma Clínica Veterinária de Teresina, Piauí, um canino, macho, SRD, médio porte, 28 kg, 10 anos, castrado, apresentando lesão ocular no olho esquerdo. O tutor relatou, ainda, que o animal apresentava prurido intenso em ambas as orelhas. Foi realizado exame físico no animal com palpação abdominal, auscultação cardíaca e respiratória, aferição de temperatura corporal e da pressão intraocular. O animal apresentava mucosas normocoradas, sem alterações em seus parâmetros fisiológicos, apresentava petéquias no plano dorsal e membros inferiores, e pressão intraocular normal. Além disso, apresentava hiperemia conjuntival, opacidade e uma lesão perfurante em globo ocular esquerdo.

Para avaliar a extensão da lesão ocular realizou-se o Teste de Fluoresceína no olho esquerdo e o Teste de Schirmer em ambos os olhos. O Teste de Fluoresceína evidenciou uma úlcera de córnea extensa, conforme figura 1. O Teste de Schirmer no olho direito não apresentou alterações, no entanto, o olho esquerdo situou-se no valor limite da normalidade (10 a 15 mm por minuto).

Figura 1 - Teste de Fluoresceína



Fonte: Arquivo pessoal.

A médica veterinária solicitou exames complementares como o hemograma e bioquímicos (hepático e renal), além do Teste Snap 4Dx Plus, citologia do ouvido e Sorologia RIFI e ELISA para Leishmaniose Visceral Canina (LVC). Nesse ínterim, iniciou-se o tratamento da úlcera de córnea e da lesão perfurante no globo ocular com o uso dos colírios Vigamox 5ml, Hyaback 0,15% 10 ml e Tears 8 ml por quinze dias e, uso de colar elizabetano. O exame de hemograma e os bioquímicos não apresentaram alterações relevantes. A citologia de ambos os ouvidos constatou *Malassezia sp.*, o Teste Snap 4Dx Plus positivou para *Ehrlichia canis*, a sorologia RIFI negativou e o ELISA positivou para LVC.

O protocolo terapêutico para o tratamento de Erliquiose adotado foi o uso de Doxifim 200 mg por vinte e oito dias e da *Malassezia sp.* com Itraconazol 300 mg por quarenta e dois dias, Posatex por quatorze dias, Micodine Shampoo durante dois meses, e Pele e Derme 1500mg por trinta dias. Para confirmação da LVC optou-se por realizar teste sorológico PCR utilizando punção aspirativa de linfonodo, de medula óssea e citologia de pele, os quais deram resultados negativos.

O tutor retornou após quinze dias para acompanhamento da úlcera corneana e da lesão perfurante no globo ocular. A lesão perfurante no globo ocular cicatrizou, porém, a úlcera de córnea permanecia persistente. A médica veterinária optou por realizar a limpeza da córnea com debridamento utilizando cotonete estéril para retirada de tecido morto e, com isso, acelerar a

cicatrização. Além disso, alterou a terapêutica farmacológica prescrevendo o uso intensivo dos colírios Ciprovet 5ml e Hyaback 0,15% 10 ml e recomendou ao tutor retornar a cada quinze dias para acompanhamento da lesão.

Por se tratar de uma úlcera corneana indolente, o tratamento com os colírios foi prolongado por quase três meses, intercalando entre melhora e piora da lesão. Ao final, optou-se por realizar o debridamento cirúrgico da lesão, associado ao uso de antibióticos e substâncias estimuladoras da cicatrização. Assim, foi realizada o debridamento do epitélio corneano, utilizando o Diamond de Burr. O Diamond Burr é uma broca coberta com pó de diamante acoplada ao motor de baixa rotação que se aplica sobre a córnea para o debridamento epitelial, sendo considerado um método bastante seguro, rápido e minimamente invasivo, pois ocorre somente remoção epitelial, não atingindo estroma corneal (Machado *et al.*, 2019; Viana *et al.*, 2017).

O tratamento terapêutico após o procedimento cirúrgico manteve-se: Ciprovet 5ml e Hyaback 0,15% 10 ml. Na consulta de retorno, doze dias após a cirurgia, foi realizado novo teste de Fluoresceína que constatou que a úlcera corneana indolente tinha cicatrizado evidenciado somente opacidade corneal cicatricial e vascularização, conforme figura 2.

Figura 2 – Olho direito após 12 dias da cirurgia



Fonte: Arquivo pessoal.

A médica veterinária suspendeu o uso dos antibióticos anteriores e prescreveu o uso do colírio Maxiflox-D por sete dias para sanar a hiperemia conjuntival que persistia. Após esse período, o tutor retornou a clínica veterinária e o paciente recebeu alta.

3 DISCUSSÃO

Segundo Viana *et al.* (2017), os cães mais acometidos pela úlcera corneana indolente são animais de meia idade e braquicefálicos. No entanto, essa oftalmopatia pode acometer qualquer espécie e raça. No caso relatado, a idade do animal pode ter sido um fator predisponente.

O tratamento preconizado, isto é, o uso tópico de colírios antibióticos foi primordial para o sucesso do tratamento. Além disso, o debridamento utilizando o *Diamond Burr* acelerou significativamente o processo de cicatrização em associação com o uso intensivo de colírio antibiótico.

Cabe ressaltar, ainda, que o tratamento da doença é longo e complexo o que exige paciência e comprometimento do tutor. Dessa forma, é primordial que o médico veterinário esclareça previamente ao tutor a complexidade dessa doença.

4 CONCLUSÃO

O presente trabalho reportou um caso de úlcera corneana indolente em um cão. O

tratamento eficaz baseou-se em intervenção cirúrgica e uso de colírio antibiótico de amplo espectro por um longo período de tempo, conforme aponta a literatura. O método de debridamento epitelial com *Diamond Burr* mostrou-se eficaz, rápido e seguro ao animal para o tratamento da úlcera corneana indolente.

REFERÊNCIAS

HVENEGAARD, A. P. F.A. **Estudo retrospectivo do tratamento ambulatorial da úlcera indolente em cães da raça Boxer**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Departamento de Cirurgia, São Paulo, 2010.

HVENEGAARD, A. P. F. A.; VIEIRA, J. E.; LEANDRO; D. C.; GÓES, A. C.; SAFATLE, A. M. V; BARROS, P. S. M. Retrospective study on clinical management of indolent ulcers in Boxer dogs. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, n. 31, v.10, p. 910-915, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pvb/a/fdQ4K79BKxqVgZz56Z5Kd9H/abstract/?lang=en>>. Acesso em: 06 jun. 2024.

MACHADO, F. L.; PEREIRA, F. M.; SOUSA, F. A. Patologias oftálmicas: ceratite ulcerativa. **Revista Educação, Saúde & Meio Ambiente**, v. 2, ano 3, n. 6, 2019. Disponível em; <<https://www.unicerp.edu.br/revistas/educsaudemeioamb/20192/artigo13.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2024.

MELO, J. C.; FAGUNDES, B.; MELO, V. C. Tratamento de úlcera indolente em equino. **Revista Acadêmica Ciência Animal**, 16 ed., v. e162501, p. 1-5, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/328113067_Tratamento_de_ulcera_indolente_em_equino/fulltext/5bb81f024585159e8d871d33/Tratamento-de-ulcera-indolente-em-equino.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

VIANA, D. B., MASSITEL, I. L.; MERLINI, N. B. Tratamento de úlcera indolente em cão utilizando debridamento com Diamond Burr. **Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública**, v. 4, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/revcivet.v4i0.39818>>. Acesso em: 08 jun. 2024.